

Resenha

Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação.
(FERREIRA, Jairo. VIZER, Eduardo. (Orgs.). São Paulo: Paulus, 2007, 232p.)

Ana Paula da Silva AZEVEDO¹

O livro *Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação*, organizado pelos autores Jairo Ferreira e Eduardo Vizer (2007), nos propõe uma reflexão sobre a relação estabelecida entre a mídia e os movimentos sociais. A referida obra se divide em duas partes, a primeira - Perspectivas Teóricas – nos apresenta diversas formas de pensar essa relação, mídia x movimentos sociais, a partir de diferentes aportes teóricos e nos alerta para novas formas de pensar as mídias no contexto social.

Embora seja composto por oito artigos de diferentes autores, por vezes, ao ler o livro temos a sensação de que a obra é feita por um único autor, tamanha é a fluidez com que os artigos se apresentam a partir de uma concatenação harmônica dos diferentes lugares epistemológicos em que estão centradas as reflexões.

O campo midiático, delineado por interesses políticos e econômicos, se torna cada vez mais concorrido se configurando um privilégio de poucos. Mais complexo a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o campo da mídia aumenta, cada vez mais, a abertura para o diálogo com outras vozes do discurso midiático. Nesse contexto, *Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação* surge como uma importante análise teórica do ponto de vista comunicacional sobre as práticas dos coletivos em ação de nossa época.

O capítulo I, que traz o título *Movimentos Sociais: novas tecnologias para novas militâncias* é elaborado por Eduardo A. Vizer, um dos organizadores da obra em questão, neste capítulo o autor propõe uma reflexão sobre a relação que se estabelece entre a mídia e os movimentos sociais na contemporaneidade, que conforme ressalta, são de caráter universalista e ao mesmo tempo, comprometidos com a transformação de realidades locais, pois estes movimentos sociais – seja ambiental, de gênero, pelos direitos humanos ou cidadania – perseguem seus espaços na mídia.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – PPGC/UFPB.

A partir da categorização proposta por Tunner (1999), o autor discute a atuação midiática dos movimentos sociais de cunho ativista, que buscam a modificação do *status quo*, desde uma escala local a global. Ao longo de sua fala Vizer nos oferece uma compreensão do papel da comunicação na construção de uma “ecologia social” - os processos de informação e comunicação são dispositivos culturais que os agentes sociais utilizam como recursos para a construção e manutenção de “contextos e ambientes com relações previsíveis e estáveis”.

O segundo capítulo *Novos movimentos sociais e transformações no modelo de análise das mídias*, do autor João Carlos Correia, demonstra a atuação das tecnologias de comunicação na formação do cotidiano. Uma importante crítica realizada neste artigo se refere a reflexões que concebem os meios de comunicação como meros instrumentos tecnológicos, Correia alerta que os meios são dotados de um sentido maior, sendo “dispositivos tecnológicos de mediação e de produção de sentido com impacto reconhecido na reestruturação de elementos culturais e sociais”. (p. 56).

O terceiro capítulo *Processos Midiáticos como fenômenos ressonantes: o sentido a partir de um olhar comunicacional*, de autoria da Sandra Massoni, é o primeiro dos dois artigos embasados em teorias da semiótica. Aqui a autora tece uma análise dialógica entre a semiótica da presença de Landowski (1999) e a comunicação estratégica demonstrando a presença constante das linguagens diversas compondo uma conversação social. Este pensamento se coaduna com o que foi dito em capítulos anteriores e nos permite refletir sobre o papel da comunicação na formação do pensamento social e assim, da sua interferência nas mudanças e na manutenção do *status quo*.

Duas abordagens semióticas do ativismo via hipermídia, de Francisco José Paliello Pimenta, é o quarto capítulo desta obra, sua análise está centrada nas ações coletivas de ativismo sob a ótica semiótica pragmática de Charles Peirce. A partir de um diálogo interdisciplinar e intradisciplinar, este artigo desenvolve uma análise crítica de teorias neomarxistas de autores europeus que sustentam concepções embasadas numa semiolinguística.

E segundo Pimenta, dentro desta perspectiva, o ativismo hipermídia não cria apenas significados, mas altera o modo como a comunidade em rede lida com as representações semióticas relacionadas à atual conjuntura política, ou seja, se estabeleceria uma nova forma de fazer política, ou atuar politicamente na sociedade.

Investigações sobre dispositivos e disposições é o título da segunda parte da obra *Mídia e movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação*, que tem início com Jairo Ferreira, também organizador do livro, com o quinto capítulo – *Notícias sobre as ONGs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web* - neste artigo Ferreira realiza uma reflexão sobre as notícias que fazem referência a ONGs, amparado pelos conceitos de midiaticização e dispositivos midiáticos.

Dentro de uma “perspectiva triádica” o autor consegue ampliar sua visão do objeto, pois situa sua análise de forma relacional dentro das três principais linhas epistemológicas da pesquisa em comunicação:

- A visão clássica que concebe a comunicação por olhares da socioantropologia.
- A linha fundada pela análise semi-discursiva de onde surgem os sentidos que seriam desdobrados para a sociedade como os “sentidos sociais”.
- E por último, a abordagem centrada nos condicionamentos determinados pelas tecnologias e técnicas de comunicação.

Assim, o autor nos convida a perceber os problemas comunicacionais por olhares mais abrangentes, tendo em vista que optar por adotar uma dessas linhas pode resultar em repostas insuficientes para compreensão do complexo campo midiático atual.

O sexto capítulo intitulado *Dispositivos telejornalísticos em rede* tem a autoria de Otavio José Klein e compõe sua pesquisa de doutorado, em andamento, “A midiaticização dos indígenas caiangangues no telejornalismo em rede: o caso da RBSTV no Rio Grande do Sul”. Apoiado no conceito de dispositivos, Klein investiga aspectos da protagonização em processos midiáticos no telejornalismo em rede. Seu trabalho reforça a fala de Ferreira no artigo anterior, está circunscrito, basicamente, na mesma dimensão epistemológica e contribui exemplificando como se processam as complexificações do campo midiático interligado em rede.

Na sequência, o sétimo texto *Disposições técnico-discursivas e cidadania em telejornais* de Angélica Coronel realiza uma análise comparativa entre as disposições discursivas de telejornais de duas emissoras distintas, sendo uma pública e a outra privada. E propõe que “a análise de tais disposições discursivas que agenciam o noticioso nos permite novas respostas às questões relacionadas à publicização dos agentes de diversos campos sociais” (p.167).

Coronel afirma que se faz necessário perder velhas idéias que concebem a mídia, ainda, como um poder isolado de manipulação do debate social. Pois a mídia é fruto da

relação da sua relação, enquanto instituição, com um conjunto de fatores desde o mercado e a própria lógica do consumo, capitais econômicos, políticos e culturais.

Renata de Souza Dias encerra o livro com o oitavo capítulo – *Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global* – é um resumo da dissertação, sob a orientação de Jairo Ferreira, “As relações entre o político e o midiático na tematização dos acontecimentos de resistência global em mídias radicais, informativas e de organizações.”

O artigo demonstra uma análise sobre as relações estabelecidas entre a mídia e os movimentos ditos antiglobalização ou novos movimentos sociais a partir das tematizações sobre os movimentos na cobertura dos protestos realizados durante a reunião do G8 ocorrida em Evian, França, que foram veiculadas nas mídias de organização, radicais e informativas.

Vale ressaltar no presente artigo, a concepção defendida pela autora de que o campo midiático é composto internamente por diferentes divisões que vão assinalar o “jogo da visibilidade pública e a disputa pelo poder na contemporaneidade” (p. 207). Assim, o campo midiático não é formado, apenas, pela mídia comercial (informativa), mas também a mídia alternativa, de organização e radical, por exemplo, e que o campo como um todo é fruto das diferentes formas de midiatização propostas por essas divisões.

Com a mídia digital, percebe-se alguma emancipação dos movimentos sociais, quanto à midiatização dos acontecimentos de seu interesse, visto que devido às possibilidades oferecidas, especialmente pela internet, com a descentralização da produção e veiculação de produtos midiáticos, os movimentos optam por produzir suas tematizações.

Assim, embora que, por diversos fatores de ordem econômica, política e cultural a mídia informativa ainda se esquive de veicular completamente ou com a devida fidelidade os atos ativistas, os movimentos não estão excluídos do campo midiático, pois conforme propõe Dias, recorrem à mídia radical ou a de organização.

Tendo em vista os escassos estudos existentes sobre o assunto, principalmente, do ponto de vista da pesquisa comunicacional, ressaltamos que a leitura do presente livro se constitui como de grande relevância para todos aqueles que interessados por essa tensa e conturbada relação entre mídia e os movimentos sociais na atualidade. E contribui ainda, para a compreensão da estruturação e das implicações do campo midiático relacionado a temas como a democratização da comunicação, cidadania e identidade.